

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944



**Uma grande jornada de luta
pelo pão, contra o fascismo**

70 ANOS > 1944 > 2014



Freguesia de Alhandra
RACIONAMENTO DE GÉNEROS
Carta Familiar N.º _____
Pertracante a _____ relativa
aos meses de Maio e Junho de 1944
Grupo 9
Estabelecimento abastecedor _____
As captações mensais de Açúcar, Arroz,
Sabão, Bacalhau, Massa e Azeitão, serão
anunciadas oportunamente.
A troca das cartas de racionamento deve
fazer-se de 1 a 10 de Julho.
O retalhista enviará à Comissão de Raciona-
mento desta freguesia, dentro dos 10 primeiros
dias do mês imediato, as senhas que tiver racio-
nadas, acompanhado de uma cota corrente das
mercadorias racionadas.



"Bichas" para o racionamento de géneros alimentares



Envio de géneros alimentares para a Alemanha nazi

As greves de 8 e 9 de Maio constituíram uma grandiosa, importante e significativa jornada de luta contra o fascismo.

Dezenas de milhares de operários e camponeses da região de Lisboa e do Baixo Ribatejo responderam ao apelo do PCP para a concretização de dois dias de greve "Pelo pão e pelos géneros".

Numa clara compreensão da importância da luta, num momento tão gravoso para as suas vidas, quando o governo fascista tinha acabado de declarar o racionamento do pão, os trabalhadores lançam-se numa das mais audaciosas greves contra a fome e pelo pão.

Há muito que era grande o descontentamento. Aos salários de miséria, tinha-se juntado o açambarcamento de géneros – encaminhados por Salazar para a Alemanha nazi – e o mercado negro, o que possibilitou o rápido e escandaloso enriquecimento de alguns à custa da fome dos trabalhadores.

A crise económica, acompanhada de uma brutal exploração, levou já a classe operária e trabalhadores de vários sectores às greves de 1942 e 1943.

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

70 ANOS > 1944 > 2014



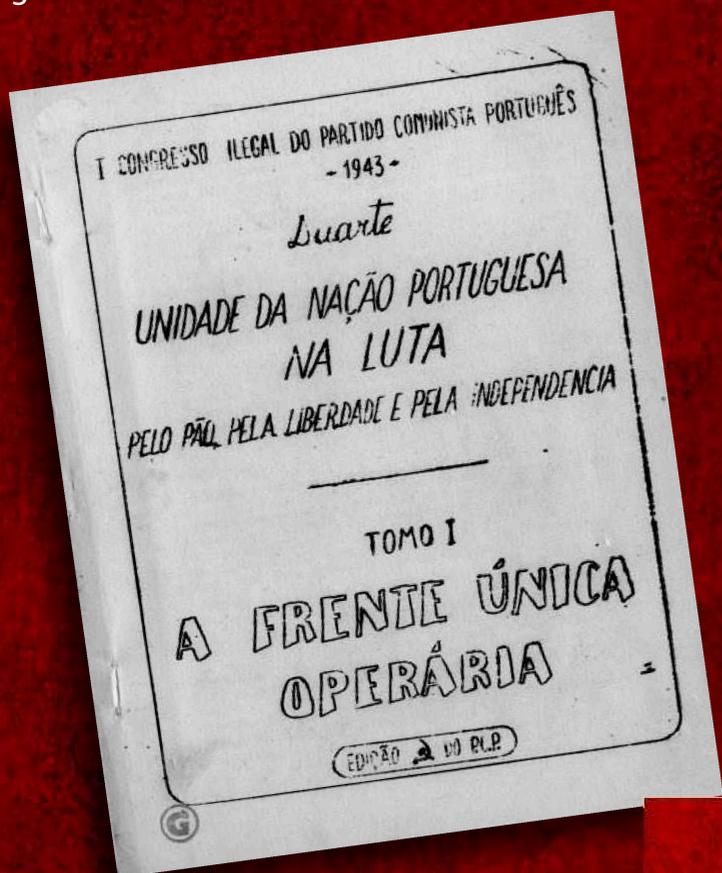
Dias Lourenço e Álvaro Cunhal durante o período da reorganização do PCP no início dos anos 40. O pretexto de um passeio barco pelo rio Tejo permitia que se pudesse falar longe de olhares e ouvidos indiscretos.

As grandiosas jornadas de Julho-Agosto de 1943, reclamando pão e exigindo aumento de salários, fortaleceram a unidade da classe operária e permitiram-lhe a identificação dos seus interesses com a actividade dos comunistas.

Éxitos do imenso esforço do PCP – em resultado da reorganização de 1940/41 – de fortalecer a sua organização nas empresas, do seu trabalho de esclarecimento no quadro da sua política de unidade.

O ascenso da luta antifascista é então assinalável, também certamente animada pelas grandiosas vitórias do Exército Vermelho que renunciavam a vitória na 2.ª Guerra Mundial sobre o nazi-fascismo.

Foi no virar do ano de 1943 para 1944, após a realização do III Congresso do PCP, que se consagrou à questão da "Unidade da Nação Portuguesa na Luta pelo Pão, Pela Liberdade e Pela Independência", que se constituiu o Conselho Nacional de Unidade Antifascista, impulsionado pelas lutas de massas de 1942 e 1943, que colocaram a classe operária na vanguarda do movimento nacional antifascista.



Comunicado ao Povo Português

Considerando que o governo fascista de Salazar não corresponde, nem pode vir a corresponder, aos ideais e necessidades da Nação Portuguesa; que não resolve um só dos problemas básicos da vida nacional e que só manteve o exercício do poder governativo mediante a supressão sistemática das liberdades democráticas; a manutenção de um regimen de perseguição e terrorismo policíaco e a corrupção que alastra das funções administrativas às actividades privadas;

Considerando que o governo fascista de Salazar se incompatibilizou com a opinião pública democrática e progressiva, se tornou o odioso, se bem que dissimulado, inimigo do povo trabalhador português, e se revelou, perante a consciência de todos os portugueses, incapaz de assegurar o prestigio da soberania nacional e de defender a integridade territorial e a independência;

Considerando que o governo fascista de Salazar evidenciou, por palavras e por actos, a sua simpatia efectiva pelo bloco dos estados agressores fascistas; que guardou militarmente as ilhas do Atlântico com o evidente propósito de hostilizar as Nações Unidas, atitude que manteve enquanto a vitória das Democracias parecia problemática; que forneceu copiosamente matérias primas e géneros alimentícios aos países do "Eixo" com evidente prejuizo da situação alimentar e sanitária do povo português; que permitiu a actividade desenfreada dos espíões hiderianos e que só agora, por esperteza política, pretende desatrelar-se do carro da derrota hideriana;

Considerando que mesmo que a politica oportunista do governo fascista de Salazar possa coincidir, em determinados momentos, com certos interesses dos governos das nações que lutam contra o fascismo, nunca se poderá esperar dele uma politica sinceramente constructiva, dirigida ao aspecto positivo das coisas, em colaboração leal com as forças que hão-de construir o mundo de amanhã;

Considerando que segundo as disposições da Carta do Atlântico, esclarecidas e definitivamente precisadas pelas conferências de Moscovo e de Teherão, se prepara uma ordem internacional democrática para as grandes e pequenas nações, onde de todos os povos civilizados terão lugar, desde que se tenham decidido pela cooperação efectiva com as Nações Unidas e se revelem dispostos "à eliminação da tirania e da escravidão, da opressão e da intolerância", o que o mesmo é dizer: a deposição e a destruição dos regimens fascistas;

Considerando que a Nação Portuguesa não pode resignar-se a condição de nação bárbara, excluída da comunidade internacional das nações democráticas, e que o Povo Português deve participar não só na luta contra os piores inimigos da humanidade como no trabalho de reconstrução económica e social do mundo;

Considerando que o governo fascista de Salazar deve ser derrubado e o seu regimen fascista destruído pela cooperação activa e leal de todos os anti-fascistas portugueses e que só um Governo Democrático de Unidade Anti-Fascista poderá falar em nome de Portugal;

Representantes de organizações, grupos e correntes anti-fascistas, reunidos para estabelecer uma ORGANIZAÇÃO NACIONAL DE UNIDADE ANTI-FASCISTA tendo chegado a um completo acordo, deliberaram:

- 1 — Preparar e levar a cabo a supressão do actual governo Português e, em sua substituição instaurar um GOVERNO NACIONAL DEMOCRÁTICO em que estejam representadas todas as correntes de opposição anti-fascista e que dê ao Povo Português a possibilidade de escolher, em eleições verdadeiramente livres, os seus governantes.
- 2 — Lutar unidos até a destruição completa do Estado Fascista Português, e ao estabelecimento de uma ordem democrática em Portugal, pelo GOVERNO NACIONAL DEMOCRÁTICO a isso destinado.
- 3 — Afirmar solenemente a resolução de que Portugal ocupe claramente o seu lugar ao lado das Nações Unidas na luta contra o fascismo internacional, aderindo às estipulações da Carta do Atlântico e integrando-se no espirito das Conferências de Moscovo e de Teherão, tornando-se uma nação militante da grande coligação mundial anti-fascista e deixando de ser um mero comparsa de interesses ocasionais e de recurso.
- 4 — Constituir um Conselho Nacional Anti-Fascista que promoverá a realização destes objectivos e que está amplamente aberto a representantes de todas as correntes de opposição ao fascismo e a todas as individualidades de garantida idoneidade cívica e anti-fascista.
- 5 — Na continuidade da sua acção elaborar um programa governativo de emergência do GOVERNO NACIONAL DEMOCRÁTICO PROVISÓRIO que objectivará os fins políticos gerais aqui enumerados.

A ORGANIZAÇÃO NACIONAL DE UNIDADE ANTI-FASCISTA apela para todos os portugueses honestos e progressivos. A unidade politica e de acção estabelecidas entre as forças anti-fascistas portuguesas deve levantar todo o povo português para as grandes lutas que se aproximam e em que o regime fascista de Salazar será necessariamente destruído. A unidade nacional anti-fascista conduzirá o povo português á vitória sobre o governo de Salazar e a um Portugal independente, livre, culto e digno.

QUEREMOS UM PORTUGAL DEMOCRÁTICO E PROGRESSIVO!
QUEREMOS A VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS!

Fevereiro de 1944

O CONSELHO NACIONAL DE UNIDADE ANTI-FASCISTA



Os avanços do Exército Vermelho renunciavam o fim do nazi-fascismo e animavam o ascenso da luta antifascista em Portugal.

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

70 ANOS > 1944 > 2014



As greves de 8 e 9 de Maio foram antecedidas por um poderoso movimento de massas pelo Pão e contra o envio de géneros para a Alemanha nazi.

- Em Setembro de 1943, os trabalhadores de Olhão, Portimão, Loulé e Moncarapacho – Olhão manifestam-se em massa exigindo pão.
- Em Dezembro de 1943, a população de Salreu – Estarreja mobiliza-se e impede a saída de milho da sua freguesia.
- Em Janeiro de 1944, as mulheres de Vila Nova de Famalicão assaltam as padarias e obrigam a venda do pão ao povo, ao preço da tabela.
- Em Janeiro de 1944, as mulheres de Camarnal – Alenquer organizam uma marcha da fome até à Câmara, protestando contra a falta de géneros.
- Em 1 de Fevereiro de 1944, as mulheres de Coimbra concentram-se em protesto contra o racionamento do pão e, em conjunto com o operariado da região, contra a falta de géneros.
- Em Março de 1944, as mulheres de Vila Nova de Foz Côa promovem uma manifestação, exigindo mais pão.
- Em fins de Março de 1944, as mulheres de Gouveia montam vigilância nocturna e impedem a saída de milho do concelho.
- Em Março de 1944, a população de Aldreu – Barcelos toca os sinos a rebate e oferece resistência em massa à saída do milho.
- Em Março de 1944, a população de Chaves opõe-se em manifestação ao racionamento do pão.
- Em Março de 1944, a população de Santa Eugénia de Rio Corvo – Barcelos levanta-se em massa contra a retirada do milho.
- Em Abril de 1944, os camponeses de Paúla, Penedos, Cabanas do Chão, Camarnal, Bairro, Canados, Estribeiros e Meca, em Alenquer, manifestam-se, exigindo farinha à Câmara Municipal.
- Em Abril de 1944, os camponeses de Cachoeiras – Vila Franca de Xira estão uma semana sem trabalhar, exigindo mais pão.
- Em Abril de 1944, camponeses da Maceira – Torres Vedras protestam, exigindo o aumento do fornecimento de pão.
- Em Abril de 1944, os camponeses da Golegã e de Riachos – Torres Novas param uma semana, exigindo mais pão.
- Em Abril de 1944, os camponeses de Espinheiro e Monsanto – Alcanena organizam um protesto contra a falta de géneros.
- Em 13 e 14 de Abril de 1944, os operários da Fábrica de Cerâmica Dias Coelho, no Poço do Bispo – Lisboa, fazem greve contra o racionamento do pão.
- Em 20 de Abril de 1944, 150 operários das obras públicas da Amadora, por conta da Câmara Municipal de Oeiras, iniciam uma greve de protesto contra o racionamento do pão.
- Em 20 de Abril de 1944, 150 operários da construção civil das obras de acesso ao Aeroporto de Lisboa e Moscavide iniciam uma greve, protestando contra o racionamento do pão.
- Em 20 de Abril de 1944, os pescadores de Cascais recusam-se a embarcar sem pão. São obrigados a fazê-lo no dia seguinte pela força.
- Em 27 de Abril de 1944, a população de Castelões – Vila Nova de Famalicão tenta impedir a saída de milho da freguesia, barrando o caminho aos veículos.

GÉNEROS PARA O POVO!

Os géneros faltam porque Salazar e o seu governo de vendidos os mandam para a Espanha e Alemanha. Os grandes especuladores guardam os géneros nos armazéns. Os grandes, as Juntas e outros organismos corporativos não os distribuem pelas retalhinas. Os géneros faltam na cidade, nas aldeias, nos povoados, nos montes. Os trabalhadores produzem muito trigo. Muito milho. Muito arroz. Muito castor. Muita batata. De Vila Nova os barcos viram cheios de bacalhão.

Mas os inimigos do povo roubam tudo ao povo!
Mas os inimigos do povo roubam tudo ao povo! Para a Espanha vão todos os géneros (carregados, camões Portugais, castor e queijo). Para a Alemanha vão todos os géneros (carregados, camões Portugais, castor e queijo). Há armazéns cheios de mercadorias à espera de transporte para serem enviados para o estrangeiro.

Mas o mal não é só a falta de géneros! É também a sua má distribuição!
O povo morre de fome, mas nos menus dos ricos e nos restaurantes de luxo não falta nada!
O povo gasta inutilmente o seu tempo nas bichas, mas os ricos compram tudo quanto querem sem ir às bichas.

**Povo português! Valentes mulheres de Portugal!
Não nos deixemos morrer de fome!**

Não deixemos morrer de fome os nossos filhos. Não esperemos soluções que nunca virão. Não esperamos do governo inimigo do Povo serão mais feitas, mais fofas, e as impugnações, mais violentas. Não nos morremos de fome, temos que lutar. Lutar todos, unidos como um só. O povo é grande e é forte. Se o povo se unir e lutar o povo vencerá!

Nas bichas, não devemos deixar que ninguém seja aviado antes da sua vez. Não devemos consentir que sejam aviadados, sem ir para a bicha, os polícias, os legionários ou seja quem for. Quando nos estabelecimentos disserem que não há mais, devemos entrar nos estabelecimentos, fazer buscas e ver se há ou não.

Em cada balneario, vila ou aldeia, devemos organizar a fiscalização da venda e da distribuição de géneros, elegendo comissões populares que controlem o que os estabelecimentos recebem e o que vendem ao povo. Devemos montar a vigilância dos estabelecimentos, não deixando sair nenhuma encomenda para os «bons fregueses».

Nos campos, devemos juntar-nos e fazer marchas da fome, indo junto das autoridades pedindo a saída do racionamento de géneros.

Em toda a parte onde faltarem os géneros há que ir buscá-los onde os houver!

Não que assaltar os depósitos onde os géneros estão ambarcados, seja em casas particulares ou estabelecimentos comerciais!
O povo não se deve deixar matar à fome. Não deve deixar que o governo inimigo do povo, estorções seus cúmplices roubem os géneros ao povo para os mandar para a Espanha e Alemanha fascistas.

Em cada parte onde se requisitarem géneros, os camponeses não devem entregar os resíduos por todas as formas às autoridades.
Por toda a parte onde se carreguem, estejam parados ou passem comércios, camões e outros transportes, carregados para saírem para fora, devemos juntar-nos, assaltar os comércios e os camões e distribuir pelo povo esses géneros que nos foram roubados.

Portugueses! Homens e mulheres do nosso Povo!
O governo fascista de Salazar promete-nos tudo e nada nos dá. O governo quer o pão do povo e não dá para que os ricos, que negociam com a nossa miséria, se tornem ainda mais ricos e para que nada falte aos seus filhos fascistas alemães!

Povo de Portugal!
O Partido Comunista, o Partido dos pobres, está convocado. Luta ao lado do Partido Comunista, o Partido dos trabalhadores, o Partido dos explorados e dos oprimidos, contra o governo de Salazar que quer a fome ao nosso povo. Luta para que Salazar e os seus cúmplices sejam corridos do poder. Luta para que seja instaurado em Portugal

III. governo do Povo que defenda os interesses do Povo!

Março de 1943
P.C.P. 1943

9 PONTOS-PROGRAMA PARA A UNIDADE NACIONAL

Como base de discussão para a constituição da Unidade Nacional de todas as organizações anti-fascistas e patrióticas, propomos os seguintes objectivos:

- 1 – Derrubamento do Governo de Salazar e instauração dum governo democrático de Unidade Nacional.
- 2 – Suspensão de todas as exportações para o Eixo. Prisão e castigo de todos os espiões hitlerianos nacionais ou estrangeiros e dos traidores ao serviço do Eixo. Confiscação das propriedades das empresas particulares, trabalhando por conta do Eixo e dos responsáveis fascistas. Dissolução da Legião, PVDE, União Nacional e demais organizações fascistas.
- 3 – Organização da defesa da integridade territorial e da independência. Depuração dos organismos do estado, forças armadas e de todos os serviços de propaganda, dos elementos pró-hitlerianos. Regresso dos soldados expedicionários. Política de colaboração com as Nações Unidas.
- 4 – Libertação de todos os presos por motivos políticos e sociais. Extinção do campo de concentração do Tarrafal.
- 5 – Liberdade de palavra, de imprensa, de reunião, de associação, de crenças e cultos religiosos. Legalização das organizações operárias e progressistas. Repressão de todas as actividades fascistas e da propaganda de idéias fascistas.
- 6 – Abolição das leis corporativas e dos organismos corporativos. Protecção à pequena e média lavoura e às pequenas empresas comerciais e industriais. Organização democrática do abastecimento de géneros. Repressão enérgica dos açambarcadores e especuladores. Pôr termo à inflação da moeda. Justa distribuição dos encargos tributários.
- 7 – Estabelecimento de salários justos, de harmonia com o custo de vida. Legislação operária protegendo os interesses dos trabalhadores, incluindo jornada de trabalho, seguros e assistência social, instrução, protecção à juventude e às mulheres. Entrega aos camponeses das grandes propriedades incultas bem como das confiscadas.
- 8 – Estabelecimento duma aliança livre com os povos coloniais.
- 9 – Realização de eleições, em sufrágio directo e em escrutínio secreto, duma Assembléia Constituinte.

Estes pontos são dados à apreciação de todas as organizações, grupos e individualidades anti-fascistas e patrióticas. O Partido Comunista entende ser necessário, mais que a elaboração de vastos programas de administração, a elaboração dum programa mínimo, que defina os objectivos fundamentais do movimento de Unidade Nacional. O Partido Comunista propõe que se tomem estes pontos como base de discussão para o estabelecimento duma união combatente de todas as forças anti-fascistas e patrióticas e dum Comité Dirigente do movimento de Unidade Nacional.

Março de 1943
O COMITÉ CENTRAL DO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

70 ANOS > 1944 > 2014



Uma luta por objectivos concretos e imediatos

TRABALHADORES!

O governo fascista de Salazar, com a repressão brutal das greves e movimentos populares, confirmou aos olhos de todos os portugueses ser o inimigo odiado do povo trabalhador. O governo salazarista mostrou a sua incapacidade para resolver a situação catastrófica da economia nacional e a miséria e a fome que a sua política «corporativista» criou. Salazar divoreou-se definitivamente de todas as camadas da população laboriosas e progressivas. A divisão e desagregação passaram a roer as entranhas do fascismo. **As grandes greves e lutas que acabamos de travar abrem um passo a uma greve política do fascismo salazarista. Representam um grande avanço para o derrubamento do fascismo.** Por isso, estas lutas têm que ser consideradas

uma grande vitória política da classe operária e do seu destacamento avançado, o Partido Comunista.

O patronato e o fascismo sentiram definitivamente a grande força dos trabalhadores quando lutam unidos. Sentiram definitivamente que os trabalhadores não se deixam enganar por burlas e promessas mentirosas. A força possante de 50 mil trabalhadores em greve, unidos, combativos e solidários, mantendo-se em greve durante mais duma semana, apesar da repressão brutal, **forçará, para o futuro, o patronato e o fascismo a serem mais prudentes, e satisfazerá com menos delongas as reclamações operárias.**

Trabalhadores e trabalhadoras! O governo fascista de Salazar conseguiu afogar a greve, mandando assassinar, metralhar, espancar brutalmente, prender em massa, os trabalhadores e trabalhadoras que reclamavam apenas que a sua angustiada situação económica fosse resolvida. Conseguiram fazer render pela fome as famílias operárias. Mas não conseguiram desfazer a unidade dos trabalhadores. Não conseguiram arrancar do coração da classe operária a vontade de continuar lutando pelo Pão e pela Liberdade.

Trabalhadores e trabalhadoras! A vitória definitiva não se consegue com avanços consecutivos. **É também necessário saber recuar quando as condições forçam a isso. Mas recuar reagrupando forças, consolidando posições, preparando novas ofensivas.** Neste momento, pretender continuar a greve, quando as famílias operárias estão esgotadas pela fome, seria dar ao patronato e ao fascismo a possibilidade de impôr ferozes condições de rendição. Neste momento, impõe-se um recuo, por muito doloroso que ele nos seja.

Depois de mais uma semana de luta heróica de 50 mil trabalhadores e trabalhadoras, a situação torna necessário que

retomemos o trabalho.

Mas o trabalho deve ser retomado, alcançando em cada fábrica e empresa a satisfação do máximo de reivindicações. Em cada fábrica e empresa devemos regressar ao trabalho com a condição da libertação de todos os trabalhadores presos, da readmissão de todos os trabalhadores sem excepção, de serem cumpridas todas as promessas do patronato em cada fábrica e empresa.

Ao retomarmos o trabalho, devemos imediatamente, em cada fábrica e empresa, **apresentar as nossas reivindicações:** aumento de salários, integração dos subsídios nos salários, abolição dos descontos, justa fixação de categorias, pagamento a dobrar do domingos e horas extraordinárias, fornecimento de géneros.

Ao retomarmos o trabalho, devemos imediatamente, em cada fábrica e empresa, **formar comissões operárias, comissões de unidade,** e devemos apoiar em massa essas comissões de unidade para apresentarem as nossas reivindicações.

Uma nova fase de luta começa. A consigna da hora presente é **unir, organizar, reclamar.** Fortaleçamos a nossa unidade, que se tornou e consolidou nas grandes jornadas de luta, nas greves, nas marchas da fome, nas demonstrações de rua, nas prisões e campos de concentração. Fortaleçamos a nossa organização. Fortaleçamos os laços de solidariedade que se criaram entre os trabalhadores de todas as fábricas e empresas.

Com as novas experiências e ensinamentos,

preparemo-nos para novas e maiores jornadas de luta.

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português

4 de Agosto de 1943



Quando, a 4 de Agosto de 1943, o Secretariado do PCP difunde um Manifesto, apelando para que os trabalhadores retomassem o trabalho, considera que: **“A vitória definitiva não se consegue com avanços consecutivos. É também necessário saber recuar quando as condições forçam a isso. Mas recuar, reagrupando forças, consolidando posições, preparando novas ofensivas”** aponta já à consideração de outras jornadas.

Partindo da análise da situação concreta, do conhecimento do estado de espírito dos trabalhadores, de uma maior e mais efectiva implantação do PCP e de uma real influência junto das massas, do prestígio e autoridade granjeados pelas lutas anteriores, permitiram-lhe convocar, organizar e dirigir as greves de 8 e 9 de Maio com sucesso.

Uma luta por objectivos concretos e imediatos, em que a coincidência de interesses – o fim do açambarcamento de géneros e do racionamento do pão – permitiu aliar pela primeira vez, na mesma acção, a classe operária e as massas camponesas que, também elas, desenvolviam lutas reivindicativas por melhores jornas e contra o envio de géneros para o Eixo.

Uma luta que tem um lugar ímpar na história do PCP, na luta da classe operária e de todos os trabalhadores, e da resistência antifascista pela sua dimensão, diversidade de formas a que recorreu e pela natureza abertamente política que assumiu.

Povo de Portugal!

À LUTA PELO PÃO!

A fome era já negra. Agora, com o racionamento do pão, imposto ao povo pelo governo de Salazar, a vida torna-se completamente impossível.

O governo fascista de Salazar manda a farinha e os géneros para a Alemanha. Salazar protege os grandes especuladores e assambarcadores escondidos nos Grémios e outros organismos corporativos e fascistas. Salazar, inimigo do povo, faz tudo para que os ricos continuem a comer à grande.

Estas são as razões por que o pão falta em todo o país e os géneros faltam no mercado. Estas são as razões por que o governo de Salazar está matando a fome as famílias dos trabalhadores. Estas são as razões por que os armazéns dos grandes caudatários fascistas estão cheios de farinha e de géneros. Estas são as razões por que Salazar decretou para o povo o racionamento de miséria — que tira aos pobres as últimas migalhas para as entregar aos ricos.

Com o racionamento do pão e dos géneros, os pobres recebem ainda menos para que os ricos, no mercado negro, possam adquirir ainda mais.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Povo laborioso de Portugal! Para não morrerem de fome, temos um único caminho. Esse caminho é a luta. Por todo o país, as massas populares se levantam contra a fome salazarista. Por todo o país,

O POVO LANÇA-SE À LUTA PELO PÃO.

Os fascistas salazaristas têm medo do povo, porque as metralhadoras e os tanques nada podem contra o povo, quando o povo se une como um só homem e se lança à luta.

Trabalhadores! Operários e camponeses! Filhos e filhas do nosso povo! Já basta de sofrer. Já basta de esperar. Todos à luta pelo Pão!

Juntai-vos, trabalhadores da cidade e do campo! Juntai-vos, mulheres do nosso povo!

Fazei grandes manifestações e marchas da fome nas cidades e nos campos, exigindo o fornecimento de pão e de géneros, das autoridades, das Câmaras Municipais, dos organismos corporativos, dos patrões.

Suspendei o trabalho nas cidades e nos campos, protestando contra a fome salazarista, contra a falta do pão e dos géneros, contra o racionamento. Quem não come, não pode trabalhar. **Paraí as máquinas, largai os instrumentos de trabalho e descei à rua! Abandonai os campos e marchai sobre as vilas!**

Nos campos tocai os sinos a rebate, para que se juntem homens, mulheres e crianças.

Assaltai comboios e camiões carregados de géneros para a Alemanha e distribuí os géneros pelo povo.

Assaltai e fazei buscas nos armazéns, nos depósitos dos grémios, nos estabelecimentos comerciais e nas casas de ricos, e onde forem encontrados géneros assambarcados, tomai conta deles e distribuí-os pelo povo.

Formai comissões populares de fiscalização da venda e do racionamento, que entrem nas padarias, mercearias e outros estabelecimentos, não permitindo que os ricos sejam mais bem avisados.

Resisti ao roubo dos géneros, não deixando que as autoridades fascistas vão às casas dos pequenos lavradores roubar o milho e a farinha, que são necessários à sua alimentação, para os enviar aos bandidos da Alemanha.

Soldados do Exército, da PSP, da GNR!

A causa do povo é a vossa própria causa. Se vos quiserem obrigar a prender, a espancar, a fazer fogo sobre os vossos irmãos e irmãs que pedem pão, recusai-vos a esse crime, fazei causa comum com o povo.

Povo laborioso de Portugal!

A pé para a luta! Todos unidos! Conquistemos pela nossa luta o pão de cada dia. Que o governo fascista de Salazar sinta a força do povo nas manifestações exigindo pão e géneros. Que o governo de Salazar sinta a força dos operários e camponeses nas paralizações de trabalho nas fábricas e nos campos.

O FASCISMO RECUARÁ PERANTE A FORÇA DO POVO!

Avante, na luta pelo pão! Avante, na luta pelos géneros! Fora com o governo de Salazar, inimigo do povo, avante por um governo democrático de Unidade Nacional que liberte o nosso povo da fome, do terror e da ração salazaristas.

4 de Agosto de 1943

G

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

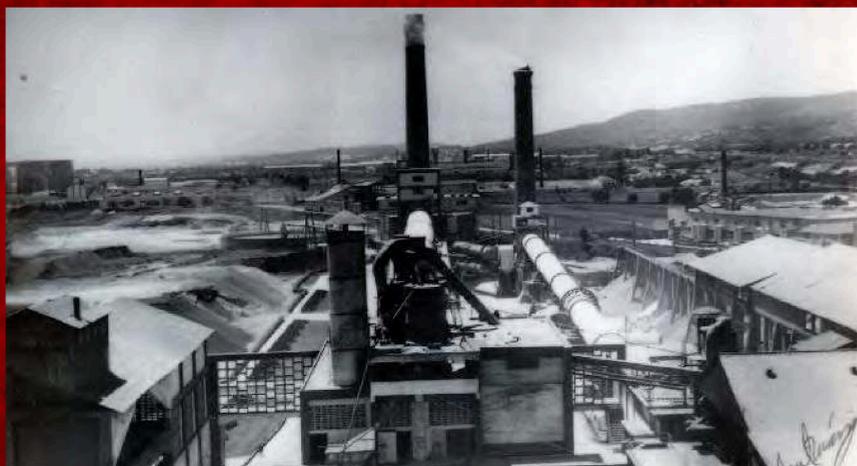
70 ANOS › 1944 › 2014



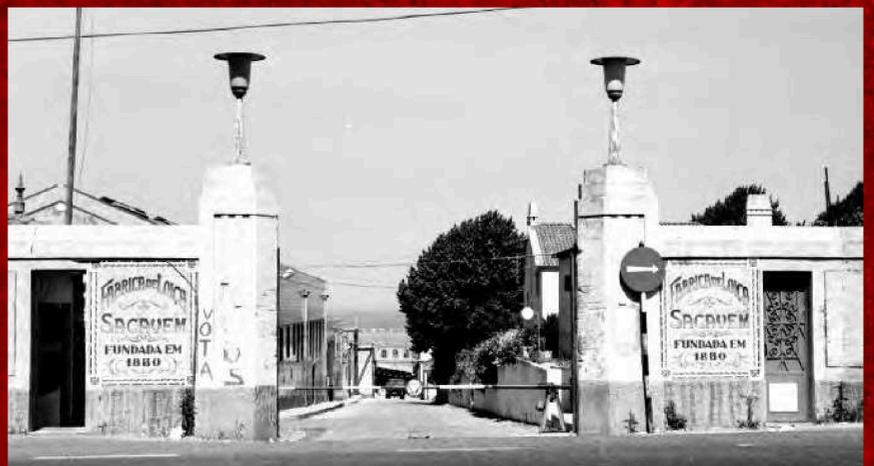
Principais empresas, sectores e locais que aderiram

As greves iniciaram-se no dia 8 de Maio ao fim da manhã em importantes empresas de **Alhandra (Cimento Tejo)**, **Santa Iria de Azóia (Covina)**, **Póvoa de Santa Iria (Soda Póvoa)**, **Sacavém (Fábrica de Louça)** e tiveram enorme impacto e projecção em muitas pequenas oficinas destas e de outras localidades. Em Sacavém e Alhandra praticamente ninguém trabalhou.

Na região de **Pêro Pinheiro**, mais de cinco mil operários das empresas de cantaria e trabalhadores das pedreiras e dos campos estiveram em greve. Na **Amadora** foram os trabalhadores da construção civil e os camponeses das searas. Em **Lisboa** teve particular significado a greve na construção civil, nos estaleiros navais, dos estivadores, assim como todo o sector da confeitaria.



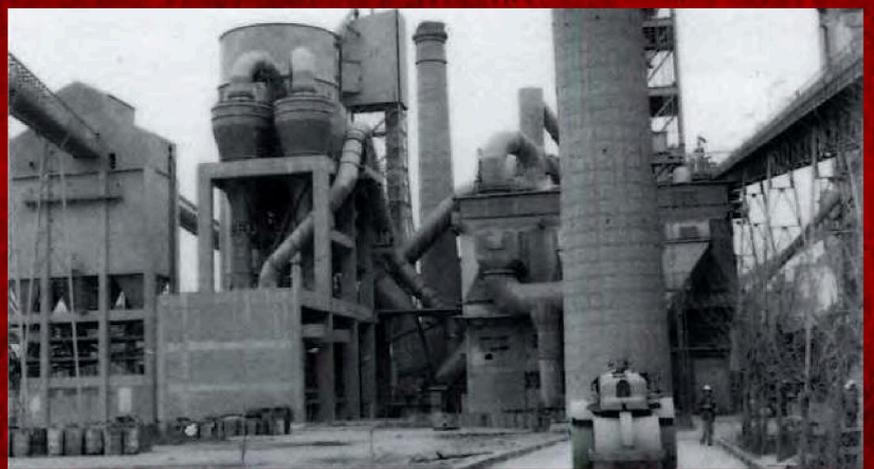
Cimento-Tejo em Alhandra



Fábrica de Louça em Sacavém



Covina – Companhia Vidreira Nacional, Santa Iria de Azóia



Soda Póvoa/Solvay, Póvoa de Santa Iria

As Marchas da Fome

Trabalhadores e população de **Sacavém, Camarate, Apelação, Frielas**, iludindo as forças repressivas, marcharam até Loures – mais de três mil homens, mulheres e crianças.

Trabalhadores do campo de **S. João dos Montes, A-dos-Loucos, Rondulha, Cotovios** e outras localidades de Vila Franca de Xira juntaram-se aos operários que tinham partido de Alhandra, totalizando também mais de três mil manifestantes.

As **mulheres de Santa Iria** tocaram os sinos a rebate. De **Vialonga, Tojal e Granja** surgiram centenas de manifestantes que se juntaram aos operários da Covina.

Foram mais de dois mil os que se deslocaram para a Póvoa de Santa Iria. Invadiram os locais onde ainda se trabalhava e a manifestação atingiu os cinco mil operários e camponeses no seu percurso para Sacavém.

Quatro bandeiras negras e uma faixa *“Queremos pão. Queremos comer”* encabeçava a manifestação e homens, mulheres e crianças gritavam esse *slogan*.

A marcha que convergiu para Vila Franca de Xira teve origem em Alhandra, onde *“nem um único homem ou mulher trabalhava”* – daí partiram mais de dois mil; e dos campos ao redor de Vila Franca partiram largas centenas, chegando a manifestação a atingir quatro mil manifestantes.

Nos campos das aldeias e freguesias dos concelhos de Loures e Vila Franca de Xira, os sinos tocaram a rebate, e milhares de camponeses paralisaram o trabalho e engrossaram as Marchas da Fome que então realizaram – de Alhandra para Vila Franca de Xira e de Sacavém para Loures, manifestações que deixaram uma marca imperecível nas localidades por onde passaram.

A jornada de luta de 8 e 9 de Maio de 1944 juntou, pela primeira vez, numa acção conjunta, operários de empresas com dimensão muito diferenciada, de sectores muito distintos, a camponeses de concelhos e freguesias muito distanciadas que, numa grande afirmação de determinação e grande combatividade, permitiu alcançar os objectivos centrais que os conduziram à luta.

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

70 ANOS > 1944 > 2014



A repressão, o terror e a perseguição fascista



Viaturas da GNR dirigem-se para locais de greve

Durante as greves e as Marchas da Fome os trabalhadores tiveram de enfrentar fortes contingentes da GNR e as ameaças e provocações dos agentes da PVDE.

No dia 8 à tarde, a GNR carrega sobre os manifestantes que a partir de Alhandra se dirigiam a Vila Franca de Xira.

À entrada desta localidade junta-se uma força da Marinha e ambas cercam os manifestantes.

Contudo, um grupo tenta manter a manifestação. As forças repressivas forçam uns 300 a entrar para a Praça de Touros, onde ficam presos.

No dia seguinte fazem uma selecção de presos – aqueles que a PVDE, com a ajuda da GNR, consideram ser os responsáveis – e levam-nos para a Praça de Touros do Campo Pequeno, onde se encontravam outros presos do Ribatejo e de Lisboa.

Vários presos são transferidos para Caxias, sujeitos a torturas, e aí ficam durante largos meses. Muitos outros são despedidos, ficando sem trabalho.

Em Sacavém, no dia 9, quando se organizava a manifestação na direcção de Loures, forças da PSP e da polícia política ocupam as principais vias e prendem vários trabalhadores.

Em pequenos grupos a marcha vai-se organizar a partir de Camarate.

A perseguição e a intimidação sobre vários activistas é enorme. Alguns são obrigados a passar à clandestinidade.

Alfredo Diniz, que teve um papel destacado, quer para a decisão das greves de 8 e 9 de Maio e dos seus objectivos centrais, quer na mobilização, organização e balanço dessa jornada de luta, – papel que a polícia política conhecia – viria a ser assassinado, um ano mais tarde, pela brigada de José Gonçalves, quando se dirigia de bicicleta para um encontro.



O fascismo foi obrigado a recuar

Apesar da repressão, o fascismo viu-se obrigado a ceder.

Duas semanas após a grandiosa jornada de 8 e 9 de Maio, o governo aumentou a quantidade de pão racionado e vários patrões aumentaram os salários.

“O fascismo tremeu”, como considerou Alfredo Diniz (Alex), que esteve no centro de toda a acção desta histórica jornada de luta “Pelo Pão e pelos Géneros”. Tremeu face à unidade, audácia e combatividade das massas.



Prisão de Caxias

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

70 ANOS > 1944 > 2014



A importância da organização para o sucesso da jornada de Maio de 1944

Foi decisivo para o sucesso desta jornada de luta as estruturas de direcção da greve que se criaram e o papel do Secretariado do PCP com o envolvimento e o acompanhamento directo de Álvaro Cunhal e José Gregório.

Constituiu-se um *Comité Dirigente da Greve (CDG)*, assente em cinco funcionários do Partido, dos quais três membros do Comité Central, com responsabilidades atribuídas por grandes zonas ou sectores, que avaliou o estado de espírito e a disponibilidade das massas para a greve e acompanhou o seu desenrolar.

A criação de *Comités de Greve* e de *Brigadas de Agitação* foi um aspecto extraordinariamente importante para garantir as ligações necessárias e a mobilização pretendida.

O manifesto do PCP "*Greve de dois dias pelo Pão e pelos Géneros!*" foi o catalisador para a greve.

Distribuído na noite de 29 de Abril – 25 mil exemplares – e na manhã do próprio dia 8 – 40 mil – por **14 brigadas de agitação**, sem que nenhuma prisão tenha ocorrido, revela um elevado grau de organização e disciplina.

Mas o papel central coube aos **Comités de Greve** – de empresa (17), de classe (construção civil), de zona (2), locais (10), regionais (3).

As greves de 8 e 9 de Maio provam que com organização, determinação e coragem é possível aos trabalhadores lutar e alcançar vitórias, mesmo no quadro duma feroz ditadura fascista.

O PCP na vanguarda das greves de 8 e 9 de Maio



Tão importante como as estruturas que se constituíram para a concretização com sucesso das greves e acções de massas foi o estilo de trabalho de direcção que se imprimiu na organização e condução das greves.

O trabalho colectivo, o controlo de execução através da ligação do CDG a dois membros do Secretariado, a disciplina e a avaliação da situação em cada momento, permitiram a conhecimento atempado dos problemas que surgiam e a tomada de medidas adequadas.

Só assim foi possível desencadear de imediato as acções de solidariedade com as vítimas da repressão.

A experiência das greves de 1942 e do papel dirigente do PCP nas greves de Julho-Agosto de 1943 reflectiram-se positivamente na organização e direcção da grande jornada de Maio de 1944.

(...) nas greves de 1943-1944 a Direcção do Partido, concretamente o Secretariado, tomou nas suas mãos a direcção directa da greve. (...) O Partido compreendeu que havia que jogar forte no desenvolvimento operário e nessas greves, para criar uma base revolucionária, uma base de massas, para assegurar, como assegurou daí em diante, uma intervenção muito mais operativa na luta antifascista.

(Álvaro Cunhal em "Duas intervenções numa reunião de quadros" por ocasião do 70.º aniversário do PCP – 1991)



As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

70 ANOS › 1944 › 2014



O Comité Dirigente da Greve

Foi constituído por destacados e preparados quadros do PCP, estreitamente ligados às massas e conhecedores das suas aspirações.



Alfredo Diniz (Alex)

Ingressou em 1936, com 19 anos, na Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas.

Em 1938 é preso e condenado a 18 meses de prisão.

Logo após a saída da prisão, retoma a actividade revolucionária na célula do PCP na Parry & Son.

Em 1942 é responsável pela organização do PCP em Almada.

No início de 1943 é funcionário do PCP.

Integra o Comité Regional de Lisboa. Tem um papel destacado nas grandes greves de Julho-Agosto de 1943.

No III Congresso do PCP (Novembro de 1943) é eleito membro do Comité Central e, no início de 1945, passa a integrar o Bureau Político.

A 4 de Julho de 1945, quando se dirigia de bicicleta para um encontro, é barbaramente assassinado, na estrada de Bucelas, pela brigada de José Gonçalves. Tinha 28 anos.



Dias Lourenço (João)

• Adere ao PCP com 17 anos e, dez anos mais tarde, passa à clandestinidade como funcionário do PCP.

• Tem participação activa na reorganização de 1940/41

• É eleito para o Comité Central do PCP no III Congresso (1943), sendo seu membro até 1996.

• Foi membro da Comissão Política em 1956 e do Secretariado de 1957 a 1962, altura em que foi preso.

• Foi representante do PCP no Conselho Nacional do MUNAF.

• Foi um dos organizadores, no começo dos anos 40, dos chamados "Passeios do Tejo" em que participaram Álvaro Cunhal, Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol, Lopes Graça e outras destacadas figuras da cultura.

• Preso duas vezes. A primeira em 1949 e a segunda em 1962, tendo passado no total 17 anos nas prisões do fascismo.

• Em 1954 protagonizou uma audaciosa e espectacular fuga do segredo do Forte de Peniche.

• Após a Revolução, acompanhou o trabalho de várias direcções de organização regional do PCP.

• Foi deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República até 1987.

• Quadro destacado do Partido durante toda a sua vida, foi director do "Avante" legal desde Maio de 1974 até 1991.



Gui Lourenço (Álvaro)

• Natural de Alhandra, foi operário na Fábrica Cimento Tejo.

• Em 1923 participou numa greve por melhores salários, que durou 30 dias. E em 1932 participa novamente numa greve contra o desconto de 2% para o Fundo de Desemprego.

• No quadro da preparação das greves de 8 e 9 de Maio, e com a responsabilidade de participar na sua organização, passou à clandestinidade no dia 2 de Maio de 1944.

• Membro do Comité Local de Alhandra.

• Como membro do Comité Local de Lisboa, controlou várias zonas.

• É preso em 1945 e libertado em 1946.



Joaquim Campino (Filipe)

• Adere ao PCP em 1939.

• Integra o Comité Local da zona oriental de Lisboa e, mais tarde, o Comité Regional de Lisboa, já como funcionário do PCP.

• Preso duas vezes – a primeira em 1945 e a segunda em 1950, tendo passado mais nove anos na cadeia.

• Libertado em 1958, retomou a actividade partidária na legalidade.

• Foi membro da CDE (Comissão Democrática Eleitoral), no quadro da actividade democrática antifascista.

• Foi um dos impulsionadores do movimento campista em Portugal.



Sérgio Vilarigues (Amílcar)

• Muito jovem adere à Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas.

• Em 1934 é preso numa acção de agitação, o que se viria a traduzir em seis anos de cadeia.

• Em meados de 1935 é deportado para o Forte de São Julião Baptista, em Angra do Heroísmo e, um ano mais tarde, para o Tarrafal, de onde é libertado em Julho de 1940.

• Ingressou no PCP em 1935 e foi seu funcionário desde 1942, até ao seu falecimento.

• Após a sua libertação, participa na reorganização de 1940/41.

• Foi membro do Comité Central desde o III Congresso do PCP (1943) até 1996.

• Após o 25 de Abril, a sua actividade central, como membro do Secretariado e da Comissão Política, foi responsável das relações internacionais do PCP.

As greves de 8 e 9 de Maio de 1944

Uma grande jornada de luta pelo pão, contra o fascismo

70 ANOS › 1944 › 2014



O 8 e 9 de Maio de 1944, 70 anos depois

70 anos passados, a fome voltou ao nosso país.

Consequência do roubo dos salários e das pensões, dum desemprego sem paralelo, da destruição dos serviços públicos e da privatização de sectores chave da nossa economia.

Num quadro nacional e mundial distinto de então, mas igualmente com um elevado grau de incerteza quanto aos seus desenvolvimentos, os trabalhadores e o país estão a ser empurrados para o desastre.

A exploração acentua-se, crescem as desigualdades sociais. O empobrecimento de largas camadas da população atinge proporções assustadoras. Cerca de três milhões de portugueses vivem no limiar da pobreza.

Os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

É o resultado de 37 anos de política de direita que tem vindo a destruir as conquistas alcançadas há 40 anos com a Revolução de Abril e para a qual os heróicos protagonistas da jornada de Maio de 1944 deram, 30 anos antes do 25 de Abril, um valioso contributo e exemplo de coragem e confiança num futuro de liberdade e democracia.

As greves de 8 e 9 de Maio puseram em evidência que, mesmo sob uma feroz ditadura fascista, os trabalhadores se organizados e lutando com determinação podem obter conquistas importantes para as suas condições de vida.

E são um estímulo importante para a continuação da luta que os trabalhadores portugueses hoje travam contra a política de direita, por um governo patriótico e de esquerda, por uma democracia avançada com os valores de Abril no futuro de Portugal, pelo socialismo.

É preciso lembrar, é preciso não deixar esquecer que a liberdade alcançada em 25 de Abril e as conquistas da Revolução são inseparáveis da longa luta dos trabalhadores, do povo português e do PCP contra o fascismo.

